

ESPÍRITO LIVRE

Não é todo dia que uma pessoa praticamente desconhecida define alguém de forma tão certa que até a própria personagem da definição se espanta. Joyce estava no apartamento de sua amiga Conceição, em Miami (EUA). Vaidosa, enquanto se via em frente ao espelho da sala, perguntou ao seu amigo Paulo, com quem sairia para jantar, se a roupa lhe caía bem. Antes que ele pudesse sequer pensar na resposta, Moustafá, motorista de Conceição, muito rapidamente disse: “Você está ótima. Você tem estilo. Você é um espírito livre”.

“Dizer que sou uma boa colunista ou uma boa jornalista, claro que vou ficar feliz. Mas eu mais ou menos já sei, porque trabalhei ao longo desses anos e vi o conjunto da obra. Também claro que gosto de ouvir que estou mais bonita, mas o espírito livre me tocou. E a pessoa nem me conhecia direito. Foi um elogio muito grande, e não como uma ótima colunista. Quero ser mais do que isso”. E ela é mais do que isso, mas já aprendeu a lidar com os elogios mais óbvios.

É só dar uma rápida olhada em suas redes sociais, das quais, aliás, é frequentadora assídua, para notar que monotonia definitivamente não faz parte de seu vocabulário. Em apenas três semanas, esteve em Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e Brasília (DF). Ainda bem pequena aprendeu a lidar com uma rotina bastante movimentada. Quando criança tinha que se desdobrar em aulas

CHEGANDO MEIO SEM QUERER ÀS REDAÇÕES, JOYCE PASCOWITCH MOSTRA QUE TER OLHOS PARA “DE TUDO UM POUCO” PODE SEMEAR UMA CARREIRA LONGEVA E DE SUCESSO

POR GABRIELA FERIGATO
DA REPORTAGEM

POR ALANA RODRIGUES
DA EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS

de inglês, francês, história da arte, ballet e piano. E agradece por ter feito tudo isso.

Mesmo sendo formada em desenho industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, não teve tempo de atuar na área. Começou cedo, vendendo anúncios na revista *AZ*, da badalada boate The Gallery, fundada no final da década de 1970 pelo empresário José Victor Oliva, em parceria com José Pascowitch, irmão da jornalista. “Naquela época, chamávamos esse tipo de publicação de *house organ*. Eu fazia parte de uma equipe ousada e

irreverente. Ao poucos fui palpitando na redação, até virar editora”, conta.

Nesse ínterim, sem sequer imaginar, o jornal *Folha de S.Paulo*, especificamente a equipe da “Ilustrada”, acompanhava com muita atenção o seu trabalho. Até que o convite para tocar uma coluna foi formalmente feito pelos jornalistas Matinas Suzuki e Caio Túlio Costa. Mesmo tendo “mentalmente” decidido que, após ter ficado quarenta dias de cama por causa de uma hepatite, ia tocar uma vida mais calma, aceitou o desafio.

“Foi tudo para o outro lado. Comecei a trabalhar em uma intensidade que jamais havia trabalhado. Caí de paraquedas lá, não sabia nem bater uma máquina. Ia atrás do que imaginava que seria bom - notas de política, de *show business*. Tinha que ter um pouco de sofisticação, um pouco de arte, um pouco de cada coisa que representava a minha vida e o meu trabalho”, lembra.





Como leitora, se inspirava nos textos de Ibrahim Sued, Zózimo Barrozo do Amaral e, ainda quando pequena, lia Tavares de Miranda. As referências vieram de vários lugares, mas o estilo ela própria criou. “Não aprendi a escrever com ninguém. Acompanhei o trabalho do Antônio Bivar na AZ, e ele escrevia coloquialmente. Eu adorava. Então sempre escrevi assim, cada vez mais. Me dou ao direito de começar o texto fazendo uma pergunta, por exemplo. Não sigo padrão nenhum”.

5110 DIAS DE FOLHA

Foram 14 longos anos de *Folha de S.Paulo* e, junto com eles, entrevistas importantes, inúmeras viagens a Brasília, consolidação de fontes confiáveis e, claro, furos. Muitos deles. Afinal, segundo ela, foi para isso que foi contratada. Apesar de acreditar que, no conjunto da obra, o furo representa apenas a cereja do bolo. O recheio é feito com informação e estilo.

“Era uma rotina louca. Não dava tempo nem para fazer ‘pipi’. Até sair da minha mesa, ir ao banheiro e voltar levaria, no mínimo, três minutos. Era muita correria. O padrão de exigência era altíssimo, principalmente por parte dos leitores. Se estava na *Folha de S.Paulo*, deveríamos saber que falávamos com o ‘best do best’. Tinha que dar o meu melhor, o tempo inteiro”.

A convivência com toda a equipe do veículo era a melhor possível. No começo de carreira, contou com a ajuda de algumas pessoas, entre elas Bóris Casoy, que editava o “Painel Político”. “Ela entrou com uma missão muito difícil: adaptar a coluna social aos novos tempos. Transformar em algo de bastidores, com informação política e empresarial, e, ao mesmo tempo, não provocar um grande choque nos antigos leitores. Fez isso com muita maestria. Nós a descobrimos e, mais do que isso, ela se descobriu como uma vocação”, conta ele.

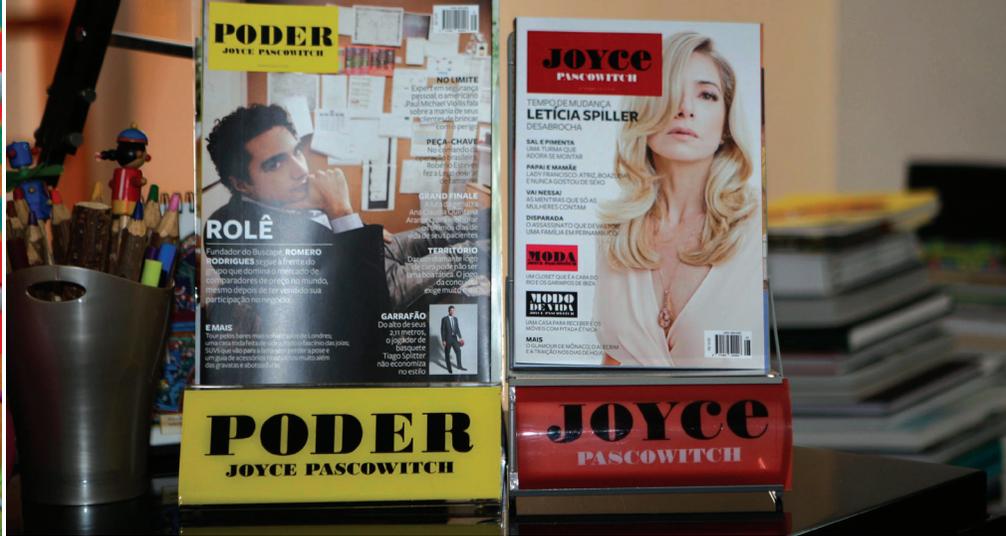
"TINHA QUE TER UM POUCO DE SOFISTICAÇÃO, UM POUCO DE ARTE, UM POUCO DE CADA COISA QUE REPRESENTAVA A MINHA VIDA E O MEU TRABALHO"

Foi ao som da canção “Besame Mucho” que Joyce descobriu o que viria a ser um dos mais célebres romances do Planalto Central. No dia 19 de setembro de 1990, no Clube das Nações, em Brasília, a então ministra da economia Zélia Cardoso de Mello comemorava seu aniversário. No calor do momento, o ex-ministro da Justiça Bernardo Cabral confidenciou à colunista que ele e Zélia estavam “namorando”, mas pediu sigilo. Como dizem por aí, “as paredes têm ouvidos” e o furo foi do jornal rival.

“Ouviram ele me contando e não me dei conta. Hoje em dia, e depois disso tudo, acho esse negócio de guardar sigilo uma coisa muito delicada. Se fosse para ter segredo, ele não contaria para uma colunista. Eu vivo de informação. Acho que era imatura nessa época. Se ele me disse, é porque queria que divulgasse”, conta. Mas não faltaram oportunidades para se “redimir”.

Ela foi a responsável por noticiar, em primeira mão, a “Operação Uruguai”, em que o ex-presidente Fernando Collor de Mello tomou um empréstimo ilegal de US\$ 5 milhões de uma empresa de Montevidéu. O processo culminou com o pedido de impeachment de Collor. Aliás, logo após ser deposto, o político só concedeu duas entrevistas, uma para o jornalista Paulo Moreira Leite, da *Veja* e a outra para Joyce.

“Eu tremia de nervoso, por mais que tivesse me preparado. Era uma situação nova para o país. Acompanhei aquilo como imprensa e cidadã de maneira tão intensa que foi natural ter ficado nervosa. Acho que a idade e a experiência só trabalham a favor do profissional de comunicação. Se isso acontecesse hoje, eu estaria mais segura”. Por muito tempo, acompanhou de perto as mudanças de poder. Viu passar José Sarney, Fernando Collor de Mello, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.



O JEITO COLUNISTA DE SER

Mas os seus grandes momentos de profissão não se resumem apenas à esfera política. Joyce entrevistou o empresário libanês Naji Robert Nahas quando foi preso; esteve em Little Rock (Arkansas/EUA) na primeira posse do ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton; visitou o Hotel Ritz de Paris antes de Lady Diana sofrer o acidente que causou sua morte, além de diversos grandes desfiles de moda.

“São momentos importantes. Eu me sinto à vontade em todas as editorias, seja um evento político ou um desfile de alta costura em Paris. Acho que é o meu diferencial”. Parece que, às vezes, a jornalista só se confunde quando o assunto é esporte. “Na Copa de 1994 nos Estados Unidos, ela confundiu o Dunga com um jogador sueco. ‘Olha que sueco lindo, Simão’. ‘Aquele é o Dunga, Joyce’”, lembra seu amigo José Simão.

Brincadeiras à parte, Simão acredita que Joyce revolucionou o jornalismo social - esse que deixou de ser apenas social. “É uma linguagem moderna, rápida e saborosa. Ela inventou e imortalizou expressões como ‘saia justa’, ‘Luluzinha’ etc. Ela é antenada. Acho que pega até a rádio de Moscou com aquela antena dela”, diz. De fato essa é a fórmula em que ela aposta.

De quando começou até hoje, ao longo de mais de trinta anos de carreira, ela acredita que o leitor continua querendo saber as mesmas coisas. Um furo de política aqui, uma história engraçada ali, informação cultural com um pouco de frescura e sempre muito “frescor”. “O leitor quer ser entretido, além de ser informado. Quer esboçar um sorriso ao mesmo tempo em que lê uma coluna todo santo dia. Temos que mobilizá-los de alguma maneira, provocar mais reações”, opina.

Por isso considera a sensibilidade tão importante nesta área. Só assim se descobre uma notícia onde os outros não a percebem, como em cenas

**“O LEITOR
QUER SER
ENTRETIDO,
ALÉM DE SER
INFORMADO.
QUER ESBOÇAR
UM SORRISO AO
MESMO TEMPO
EM QUE LÊ UMA
COLUNA TODO
SANTO DIA”**

comuns do dia a dia. Em uma análise geral, a jornalista afirma que hoje faria uma coluna diferente do que vê por aí. “Acho que falta um pouco de... bem, não sei o que falta. Posso dizer que cada um é de um jeito. Acho as colunistas todas ótimas. Eu faria diferente, não porque elas estão erradas, mas simplesmente porque sou outra pessoa”.

Na opinião do jornalista Gilberto Dimenstein, sensibilidade é o que não falta em Joyce Pascowitch. “Ao mesmo tempo em que é sofisticada, é simples também. Consegue estar em Nova York, Paris, Roma, mas também come uma pizza na padaria. É cosmopolita, mas também provinciana. Ela sempre foi encantada com o mundo e reflete isso como comunicadora.”.

GLAMOUR(AMA)

Um dos momentos mais difíceis de sua carreira foi deixar a *Folha de S.Paulo*, em 2001. Mas, para suprir a falta, na mesma época surgiu o “projeto de sua vida”, no qual segue até hoje, o Glamurama. Com o advento da bolha da internet, vários portais de notícia abriram suas portas, e a jornalista foi convidada para tocar a ideia no IG. Em sua opinião, o “pulo do gato” para que a iniciativa desse tão certo foi que, enquanto os concorrentes escreviam para internet como se fosse um texto normal, Joyce conversava com o internauta.

“Por isso muita gente começou e sumiu. A partir disso, conversei com pessoas que pudessem viabilizar a minha permanência e da minha equipe e saí em busca de anúncios. Dali pra frente só crescemos”. Ao mesmo tempo, a jornalista assinava uma coluna na revista *Época*, era comentarista na rádio GloboNews e, em 2005, foi chamada para dirigir a revista *Quem*. Apesar de não gostar do tema celebridades, aceitou o convite e, de acordo com suas palavras, “deu uma reviravolta na publicação e a colocou no mercado de maneira estruturada e forte”.



Seguindo essa jornada quádrupla, em determinado momento decidiu seguir carreira solo e investir fortemente no Glamurama. Mesmo após se desligar da *Quem*, os anunciantes que conquistou por lá desejavam anunciar em um conteúdo dirigido por ela. Logo, então, lançou a *JP*. “Queria algo diferente, que não tinha no Brasil. Que fosse sofisticada, mas não apenas de moda. Tempos depois, comecei a pensar em uma revista mais cabeça. Nasceu a *Poder*, um grande sucesso. É reconhecida por empresários exigentes, que leem com muita atenção”. Joyce afirma categoricamente “a *Poder* não aceita não como resposta”.

Seu envolvimento, principalmente na produção de capas, é total. E já avisa de antemão: não gosta de batom vermelho, pois chama mais atenção do que deveria, assim como referências dos anos 1940 para a *JP*. Quem ela gostaria de ver em sua capa? Bem, isso muda a cada momento. “A vida é muito rápida e passageira. Cada hora tem alguém. Eu adoro novela, por exemplo, então quero a melhor pessoa da novela das nove em minha capa. Independente de quem seja, contanto que seja bonita”, brinca.

O único momento em que teve que diminuir um pouco o ritmo, mas sem deixar o trabalho de lado, foi em 2008, quando soube que estava com câncer de mama. “Só não vinha nos dias que fazia quimioterapia. A cada 21 dias, faltava três. A minha equipe foi incrível. Esse foi o momento mais delicado da minha carreira”. Joyce abraçou muitos movimentos em prol da causa, como a campanha “Mulheres de Peito”, implantada pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, que facilita o exame de mamografia.

Mesmo do lado de fora da sede do Glamurama, no bairro de Jardim Europa, em São Paulo (SP), nota-se que as coisas por lá são, no mínimo, excêntricas. Passando pela porta grafitada, o móvel da recepção é de estilo clássico e de um vermelho vivo. Subindo alguns lances de escada, está o seu escritório. Em sua mesa, uma infinidade de objetos totalmente variados – brinquedinhos, um talismã japonês, um grampeador em formato de sushi, velas aromatizadas, uma caneca da Betty Boop, um conjunto de lápis de cor e muitos - ênfase para a quantidade - cremes. “Essa ‘muvuca’ aqui, esse caos, sou eu. É isso que eu, o Glamurama e as revistas somos... um retrato do melhor de tudo”. **i**